

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

IDENTIDADES E EMOÇÕES NA LITERATURA JOYCEANA
Uma análise lítero-sociológica de *Dublinenses* à luz do Modernismo

SÃO CRISTÓVÃO

2021

JÚLIA PIRES DA ROCHA

IDENTIDADES E EMOÇÕES NA LITERATURA JOYCEANA

Uma análise lítero-sociológica de *Dublinenses* à luz do Modernismo

Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II), apresentado ao curso de Letras Português-Inglês da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Letras Português-Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Amália Vargas Façanha

SÃO CRISTÓVÃO

2021

IDENTIDADES E EMOÇÕES NA LITERATURA JOYCEANA

Uma análise lítero-sociológica de *Dublinenses* à luz do Modernismo

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar crítica, literária e sociologicamente a obra *Dublinenses*, do escritor irlandês James Joyce, produzida no período transicional entre os séculos XIX e XX, quando novas correntes de manifestação artística surgiram como resposta do indivíduo moderno às mudanças ocorridas no meio social. Sendo este cenário marcado por incertezas e riscos, o sujeito moderno moldou-se diante da crise, manifestando, em si, dificuldades de agir em circunstâncias que excedem sua zona de segurança; encontra-se aprisionado, encurralado – paralisado. Como consequência, vivencia o fenômeno de fragmentação identitária, constituindo-se agora de identidades múltiplas de caráter adaptativo às diversas situações impostas pelo modelo globalizado, o qual provoca uma série de transformações pessoais e coletivas, resultando em uma nova ordem social composta por novos indivíduos com novas concepções de mundo. Joyce retrata essas questões nos quinze contos de *Dublinenses*, por meio de protagonistas que se perdem em suas próprias vontades perante situações conflituosas e amplas em possibilidades. Para isto, o autor emprega elementos inovadores em sua composição literária, explorando vertentes de representação do homem no universo ficcional que transpassam os métodos tradicionais de escrita artística. Tais aspectos são trabalhados na obra de forma a dialogar com o leitor que ali se conecta por carregar consigo traços de um sujeito social situado em conjunturas "pós" – em contextos de crise e consequente transformação. Assim, embasadas em autores como Giddens (2002); Hall (2006); Pereira (2015); Walzl (1961); dentre outros, buscamos compreender como o texto literário se comunica com o indivíduo que o lê e com o contexto que lhe sustenta, no intuito de explorar as pluralidades de representação do ser humano e sua realidade na ficção. Concluímos que a análise literária, partindo de olhares sociológicos e psicológicos, pode fornecer condições de observarmos nossas próprias realidades, de modo a estabelecer identidades múltiplas condizentes com nossos desejos e aspirações.

Palavras-chave: *Dublinenses*; Identidade; James Joyce; Literatura; Modernismo.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva analisar por meio de uma óptica literária e sociológica a obra *Dublinenses*, do escritor irlandês James Joyce, enquanto instrumento que retrata a realidade social vigente no período transicional entre séculos, caracterizada por sentimentos de insegurança, ansiedade, medo, angústia, apatia e inércia perante um cenário de profundas mutações, dialogando, assim, tanto com o leitor noventista quanto contemporâneo da literatura joyceana, além de discutir os possíveis efeitos da leitura literária e dos processos epifânicos/catárticos dela oriundos em ambos os sujeitos.

Observando o contexto histórico-social de publicação da obra – final do século XIX aos anos iniciais do século XX –, identificamos traços metamórficos, dissonantes e fragmentários no sujeito que viveu neste espaço-tempo: o indivíduo moderno. Neste sentido, Anthony Giddens (2002, pp. 36-37) ampara nosso estudo ao discorrer em seu livro *Modernidade e Identidade* sobre os paradoxos comportamentais decorrentes do fenômeno de concepção da sociedade moderna, pois ao passo que a instalação de um novo estilo identitário visa à libertação do indivíduo moderno, traz consigo também instabilidades oriundas da perda de um referencial fixo – a ordem social tradicional.

Vários fatores, nas circunstâncias da alta modernidade, influenciam diretamente a relação entre auto-identidade e instituições modernas. [...] a modernidade introduz um dinamismo elementar nas coisas humanas, associado a mudanças nos mecanismos da confiança e nos ambientes de risco. [...] A reflexividade da modernidade se estende ao núcleo do eu. Posto de outra maneira, no contexto de uma ordem pós-tradicional, o eu se torna um projeto reflexivo. [...] Nos ambientes da modernidade, por contraste, o eu alterado tem que ser explorado e construído como parte de um processo reflexivo de conectar mudança pessoal e social.

Sendo este um momento marcado por intensas mudanças sociais, filosóficas, culturais e científicas – evidenciadas pelo surgimento e desenvolvimento de novas teorias, valores e ideais coletivos –, a transição temporal que se faz foco neste estudo produziu uma série de efeitos nos seres que a presenciaram e nas reproduções deste sujeito em manifestações artísticas como a literatura. Segundo estudos de Stuart Hall (2006, p. 7), “[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”, fenômeno esse capaz de provocar intensas crises e rupturas nos seres e nas estruturas situadas em conjunturas pós-tradicionais. Propomos, então, uma análise do indivíduo representado na literatura joyceana como um ser não de identidade única, fixa e definida, mas de inúmeras identidades fragmentadas que impactam diretamente em sua capacidade de escolher, agir e traçar os próprios caminhos em uma sociedade caracterizada pelo risco e pelas ansiedades que dele emergem.

James Joyce, como escritor modernista, percebendo “que o que de fato contava [na composição de histórias curtas] era a revelação de uma verdade nua, apoiada na crua realidade e reforçada às vezes por sutil simbolismo” (VIZIOLI, 1991, p. 25), buscava retratar tanto espaços quanto pessoas através de mecanismos que extraíssem com fidelidade a essência destes elementos da realidade para a ficção; recorreu, portanto, a

técnicas de escrita caracteristicamente modernistas para representá-los, destacando-se os processos de (anti)epifania e catarse que compõem a obra. O estudo destes aspectos teórico-literários nos fornece um panorama para a compreensão do real processo de troca entre texto e leitor, evidenciando a interferência de um na formação do outro e vice versa, delimitando, assim, a relação existente entre mundo real e fictício, personagem e sujeito, literatura e transformação, identidade e modernidade.

Assim, questionamo-nos: de que maneira o texto literário em si – formado pelo conjunto de técnicas, ideais, intenções, identidades e realidades do escritor – produz efeitos capazes de modificar não apenas o autor durante o processo de expurgação de seus pensamentos, questões e anseios, mas também o leitor que com ele se conecta e, conseqüentemente, a sociedade a qual integra? Neste sentido, Padua (2011, p. 28) argumenta que “a hermenêutica tanto deve decifrar os efeitos e interpretações do leitor atual, como também traçar paralelos entre o processo histórico das obras, que são entendidas e recebidas de formas diferentes por leitores de todos os tempos”, dialogando, assim, com a influência exercida pelo texto joyceano, uma vez que sua “[...] forma de escrita reflexiva [...] torna-se um convite à consciência do pensar sobre si e sobre o papel incentivador e constituinte da literatura” (PADUA, 2011, pp. 16-17). Estes e outros aspectos são capazes de oferecer ao leitor a possibilidade de compreender as rupturas em suas várias identidades e se emancipar de situações imobilizadoras condicionadas pela atual configuração da vida em sociedade.

Em um contexto de extremas inconstâncias, incompletudes e transformações em ritmos ininterruptos que moldam o mundo globalizado – o qual possui raízes nas mudanças promovidas pelas vertentes modernas de manifestação cultural e artística –, faz-se essencial analisar a progressão das emoções paralisantes nos indivíduos moderno e contemporâneo e explorar os porquês das fragmentações identitárias em tais eras, bem como sua representação através da escrita literária. A discussão destes padrões comportamentais e evolutivos observáveis no ser humano mostra-se cada vez mais importante em organizações sociais constantemente mutáveis que impactam profundamente as estruturas mentais de quem as integra, manifestando-se de maneira contrastante através da imobilidade, da incapacidade de agir, e da paralisia psicológica da persona emergente nestes cenários.

A ideia central deste artigo é, portanto, compreender os recursos literários empregados por Joyce no intuito de representar a sociedade moderna e suas percepções, sentimentos e reflexões diante do contexto de libertação das raízes criadas pela

dominação colonial, realizando inicialmente um estudo sobre como ocorreu o processo de fragmentação das identidades no indivíduo moderno, resultante de vivências pautadas na busca por novos referenciais e diferentes manifestações no campo artístico-cultural, na quebra de estigmas, hábitos e instituições impostas e mantidas até então, e na libertação de amarras psicológicas desenvolvidas pela humanidade em sociedades marcadas por violências simbólicas e não simbólicas que marcaram os tempos modernos e reverberam ainda hoje.

2. DA LITERATURA MODERNISTA

Configurando-se a partir de fragmentos desconexos, solúveis, arbitrários e inconstantes de seus indivíduos protagonistas, o período modernista firmou-se na História como um movimento de passagem do século XIX ao século XX, marcado principalmente por inovações e avanços nas esferas artísticas, culturais, científicas, políticas e sociais, as quais afetaram camadas profundas da psique humana no decorrer deste processo de transição. Firmando-se, portanto, como uma era de pontos finais para tradições ortodoxas e de reticências para processos internos de compreensão do *eu* ante a sociedade, “a perda de esperança e a exaustão cultural são exemplos de preocupações do Modernismo” (ASMA, 2017, p. 28) e, conseqüentemente, de seus representantes no domínio das artes. A este respeito, Giddens (2002, p. 22) diz:

Em vários aspectos fundamentais, as instituições modernas apresentam certas discontinuidades com as culturas e modos de vida pré-modernos. Uma das características mais óbvias que separa a era moderna de qualquer período anterior é seu extremo dinamismo. O mundo moderno é um “mundo em disparada”: não só o ritmo da mudança social é muito mais rápido que em qualquer sistema anterior; também a amplitude e a profundidade com que ela afeta práticas sociais e modos de comportamento preexistentes são maiores.

Tal “mudança cultural em direção à modernidade, a qual muitos sociólogos chamam de secularização”¹ (HALL e GIEBEN, 1992, p. 261), configura uma ruptura no sistema predecessor amparado pela solidez da religião e das demais instituições sociais dominantes, como a família, o casamento e o trabalho, levando o indivíduo moderno à condição de alguém que se desvinculou das seguranças que antes possuía como fixas. À vista disso e da conseqüente mutabilidade a passos largos das estruturas sociais, característica intrínseca à onda globalizante que crescia e avançava, os anos modernos

¹ “[...] cultural shift towards modernity which many sociologists call secularization.”

podem ser lidos como uma era de instabilidades, crises e conflitos tanto internos quanto externos, visto que “[...] a sociedade é um fator influente na determinação do comportamento de alguém”² (SHAPIRO, 1992, p. 61).

No campo da literatura, bem como nas demais vertentes culturais emergentes neste contexto, as mudanças provocadas pela quebra de padrões sociocomportamentais até então aceitos pelo coletivo atingiram os campos agente e pensante do ser humano, que agora possuía em mãos uma liberdade da qual não tinha conhecimento antes da transição secular: a liberdade de trabalhar a linguagem por uma perspectiva mais profunda no que diz respeito ao autoconhecimento, à autocrítica e à sua aplicabilidade no convívio social. Tratando-se, então, de um período voltado à tentativa de estabelecer estratégias para se pensar a literatura de acordo com o novo cenário que se firmava, as produções literárias oriundas desta época carregaram consigo heranças da conjuntura de queda do tradicionalismo vitoriano e de desintegração da visão estática do indivíduo perante a sociedade pré-moderna e as instituições formais que a sustentavam da forma como o mundo a conhecia. A este respeito, Shapiro (1992, p. 62) argumenta que:

[...] quando as instituições falham, perdemos o controle sobre nossa identidade e sobre nossa capacidade de entender o mundo. Isso é desconcertante, pois nossa vontade não é nossa. Na literatura, o início do século XX apontou para a promessa, o avanço, a industrialização, e gerou confusão. O modernismo foi uma resposta positiva ao nosso mundo cada vez mais complexo, uma primeira tentativa de dar sentido às mudanças que estavam ocorrendo e que precisavam ocorrer.³

O processo de ruptura com as tradições e costumes do século XIX, portanto, culminou em uma longa busca do indivíduo moderno pela reconstrução de sua identidade, que se fragmentou e seguiu se fragmentando ao decurso do desenvolvimento social – à medida que a sociedade se expandia fugazmente, o sujeito se desconstituía dentro de si. Tais aspectos que compõem a história da morte do sujeito tradicional e o nascimento do sujeito moderno se fazem presentes nas obras de James Joyce e demais escritores contemporâneos que dividiram este espaço de produção artística experimental e transgressora, como Clarice Lispector, Virginia Woolf, Guimarães Rosa, William Faulkner, Samuel Beckett, Ernest Hemingway, T. S. Eliot, Ezra Pound e Marcel Proust. Neste sentido, técnicas como o fluxo de consciência e a concepção da catarse nas

² “[...] society is an influential factor in determining one’s behavior.”

³ “[...] when institutions break down, we lose control over our identity and our ability to make sense of the world. This is disconcerting since our will is not our own. In literature, the beginning of the twentieth century pointed toward promise, advancement, industrialization, and led to confusion. Modernism was a positive response to our growing complex world, a first try to make sense of the changes that were occurring and needed to occur.”

personagens, características incomuns nas produções anteriores ao Modernismo, passam a ser um campo de exploração dos autores da época, chegando-se a um novo modelo de literatura marcado por processos internos de compreensão do *eu* manifestos através da interpretação e tradução dos pensamentos. Segundo palavras da própria escritora modernista Virginia Woolf (2019, p. 27),

Para os modernos, o ponto de interesse [...] muito provavelmente jaz nas obscuras paragens da psicologia. O acento cai de imediato, por conseguinte, de modo um pouco diferente; a ênfase é posta numa coisa até então ignorada; de imediato se torna necessária uma outra ideia de forma, de difícil apreensão por nós e, para nossos predecessores, incompreensível.

Assim, para que fosse possível explorar este ponto de interesse dos escritores modernistas – que consiste no simples desejo de quem escreve – e estabelecer como nova ideia de forma o contato reflexivo da obra com seu leitor, os autores se apoiavam em elementos comuns entre ficção e realidade, por exemplo, a valorização do cotidiano como instrumento de identificação entre estes dois universos, no intuito de ocupar com o texto literário um espaço que carece de complementos na mente humana, utilizando fatores estruturais da literatura para se aproximar de questões existenciais que permeiam a vida do homem moderno. Neste sentido, Santos e Andrade (2019, p. 240) explicam – à luz da teoria da Antropologia Literária proposta pelo professor Wolfgang Iser – que “o modo como atribuímos sentido a um texto literário está intrinsecamente relacionado às nossas experiências, leituras e conhecimento de mundo, pois utilizamos o nosso repertório buscando preencher as lacunas”.

Unem-se ainda às questões de caráter temporal da História os aspectos relativos à crise mundial que se instalava no período pós-guerra – espaço entre o fim da Primeira Guerra Mundial e os acontecimentos que levaram à eclosão da Segunda –, no qual a civilização, em busca de novos valores e ideais, sentia necessidade de mudanças também na relação entre forma e conteúdo, artista e sociedade, escritor e leitor, construindo, assim, uma nova ordem social marcada pela indefinição, pela inconstância das identidades, das criações, das personalidades e das manifestações artísticas que refletem o sujeito. Tais relações de contraste entre as partes que compõem a esfera social foram as circunstâncias que moldaram os anos modernos da maneira como são compreendidos atualmente: um período de incertezas e transformações globais no qual artistas buscavam novas formas de representar este mundo, as pessoas que o

compunham neste sistema social específico, e as sensações inerentes ao indivíduo que protagonizou esta fase.

Em um período frutífero para os campos da ciência e da psicologia, surgem novas teorias sobre a consciência e sua influência no mundo inteligível, a exemplo os estudos de Sigmund Freud acerca do caráter social presente nos fatores psicológicos do ser humano, levantando, assim, questões a serem exploradas também pela literatura em um modelo globalizado de mundo onde as áreas do saber dialogam diretamente – questões essas referentes ao inconsciente fragilizado do ser moderno e a que maneira isto pode ser representado pela arte a fim de se compreender o comportamento humano perante situações de crise e circunstâncias que exigem capacidade de escolha. Sobre este ponto, Anthony Giddens (1938, p. 11) explica que “em circunstâncias de incerteza e múltipla escolha, as noções de confiança e risco têm aplicação particular”, ideia que se manifesta em *Dublinenses* através da expressão da paralisia social nas protagonistas de cada conto e que será discutida em maior complexidade posteriormente.

3. AUTOR E OBRA

Entre os grandes nomes representantes da literatura modernista, alocados nas estruturas que sustentam a história literária europeia no começo da década de 90, situa-se a vida e a obra de James Augustine Aloysius Joyce (1882–1942), irlandês de nascimento e vagante por natureza – “*I have come to accept my present situation as voluntary exile – is it not so?*” (JOYCE, 1905 apud STEWART, 2021) –, responsável por enriquecer a literatura emergente nesta época através da inovação em técnicas e metodologias de escrita literária, da visão e linguagem críticas à sociedade que integrava e com a qual constantemente se esmorecia no decorrer de seu processo evolutivo, e dos riscos assumidos em um período ainda trêmulo no que diz respeito à assimilação de novas correntes idealistas no universo da escrita artística.

“A variedade e a complexidade são tão velhas quanto a própria civilização, mas, nas primeiras décadas de nosso século, foram sentidas com especial vigor.” (CEVASCO e SIQUEIRA, 1985, p. 73). Desta fala, compreendemos a posição de Joyce no cenário político e social da época em que viveu a maioria e, a partir disto, assimilamos essa vivência aos métodos empregados por ele em seu processo de composição literária e como tais experiências estão manifestas em cada um dos espectros teóricos que

permeiam a produção da literatura enquanto mecanismo transformador no Modernismo que, a despeito da resistência, comportou sua escrita.

No decurso de sua trajetória literária, James Joyce firmou-se como um indivíduo crítico e questionador de crenças, valores, ações e condutas do ser social, expondo suas reflexões mediante elaborações textuais em prosa que compreendessem elementos do seu cotidiano, da sua realidade, da sua condição enquanto cidadão constantemente desiludido com os caminhos traçados pelo mundo que habitava. Assumindo tal posição perante as instituições sociais, o escritor irlandês enfrentou durante muitos anos a censura dos meios de circulação literária devido ao teor provocativo de suas obras, fato que se evidencia pela recusa por parte de inúmeras editoras em publicar a obra por nós estudada. A sucessão de conflitos e rejeições por parte da terra que o criou, desta forma, foi responsável por moldar não apenas sua personalidade e maneira crítica de observar e analisar pessoas, pensamentos e comportamentos, mas também sua forma de conceber o texto literário, uma vez que “os sentimentos conflitantes de ‘nostalgia e rancor’ de Joyce em relação à sua terra natal, causados pelo exílio, estão implicados em sua narrativa”⁴ (YU, 2019, p. 1288) e os traços mais marcantes de sua escrita peculiar “são resultado dos sentimentos ambivalentes de afeto e indiferença de Joyce em relação ao assunto”⁵ (id., p. 1288). Para Gillespie (2011, p. 17), a estagnação criativa que justifica o exílio de James Joyce durante a virada secular “representava um perigo tão perigoso para a vida imaginativa dos escritores irlandeses quanto a fome e a guerra haviam sido para o bem-estar físico de seus predecessores”⁶.

O conjunto de fatores históricos dissertados na seção anterior, os quais caracterizam a transição do período tradicional – sustentado pelas instituições religiosas e familiares – para o período moderno que buscava se desvencilhar de tais fundações limitantes, compõem o quadro social no qual o autor se apoiou para constituir sua forma particular de articular o léxico em material artístico. Advindo, portanto, de um contexto complexo – cingido pela experiência pós-tradicional dinâmica para os campos político, filosófico, cultural e social, incluso suas implicações no próprio indivíduo moderno – no tocante à estabilização do homem em relação ao coletivo, James Joyce bebe da fonte de perspectivas psicanalíticas e críticas da sociedade escopo de sua análise, e permite que

⁴ “Joyce’s conflicting feelings of ‘nostalgia and rancor’ towards his homeland caused by exile are implicated in his narrative.”

⁵ “[...] are a result of Joyce’s ambivalent feelings of affection and aloofness towards his subject-matter.”

⁶ “[...] stood as a danger just as perilous to the imaginative lives of Irish writers as famine and war had been to the physical well-being of their predecessors.”

fatores constitucionais deste corpo social transpassem a estrutura de sua narrativa, tecendo, assim, construções textuais que absorvem traços da atmosfera de crise e hesitação característica do sistema social moderno.

Assim, é neste cenário fragmentário, instável e dinâmico que, em 1914, *Dublinenses* surge, trazendo em si uma representação do cidadão irlandês da época, permeada de críticas direcionadas à visão deste perante a realidade, ainda atada aos tradicionalismos do século XIX e às regras sociais ditadas pelas instituições seguras pré-modernas. A obra consiste no agrupamento de quinze contos que buscam retratar, por uma perspectiva que abarca as etapas cronológicas da existência humana – infância, adolescência/juventude e maturidade –, a trajetória do cidadão irlandês no começo do século XX, caracterizada pelas experiências paralisantes das protagonistas em cada uma das histórias. Partindo de situações conflituosas testemunhadas pelo autor no cotidiano e não reconhecidas pela população da época – como, por exemplo, a hipocrisia que cerceia as instituições religiosas, a condição de submissão colonial da Irlanda perante a Inglaterra, a insatisfação e infelicidade de indivíduos aprisionados pelas organizações familiares, entre outros aspectos que demarcam a transição do modo de vida do homem tradicional para o do homem moderno –, James Joyce busca então representar as ações de tal indivíduo diante de circunstâncias incitadoras do que denominamos aqui “paralisia social”, argumentando que, para ele, o cidadão irlandês e a própria Irlanda em si constituíam o “centro da paralisia”, conceito que orienta o presente trabalho e ao qual retornaremos nas seções seguintes.

Tendo em vista o contexto histórico apontado como a ambientação de James Joyce em seu processo de escrita, *Dublinenses*, antes de finalmente ser publicado, passa por longo processo de recusas e sugestões de alterações devido ao teor crítico de sua literatura em relação às novas tendências sociais em ascensão entre os anos de 1904 e 1909 – período de negociações acerca da publicação da obra de acordo com Richard Ellmann em sua análise bibliográfica de cartas escritas por Joyce. Chenglin Yu (2019, p. 1288) argumenta que “inúmeros estudiosos unanimemente acreditam que a amarga censura sofrida por *Dublinenses* motivou Joyce a realizar inovações formais autoconscientes em suas repetidas revisões das histórias”⁷, fato este responsável pelo surgimento de um estilo de escrita original marcado por técnicas literárias incomuns entre autores tradicionais pré-modernistas e exploradas por escritores que visavam a

⁷ “Many scholars unanimously believe that the bitter censorship *Dublinenses* suffered to a great extent motivated Joyce to make self-conscious formal innovation in his repeated revisions of the stories.”

novas formas de interação entre leitores e narrativas. Além da influência exercida em seus métodos de construção da narrativa, a experiência de refusa que culminou em seu exílio refletiu também, segundo Yu (2019, p. 1288), sua “ambiguidade e incerteza artísticas”⁸, características intrínsecas aos personagens que compõem a obra e que, por sua vez, retratam a figura do homem moderno no qual Joyce não se reconhecia embora suas vivências coexistissem, sendo nesta figura que agora nos aprofundaremos.

4. O INDIVÍDUO MODERNO – IDENTIDADES FRAGMENTADAS

Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não me é mais. Não me é necessária, assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna que até então me impossibilitava de andar, mas que fazia de mim um tripé estável. Essa terceira perna eu perdi. E voltei a ser uma pessoa que nunca fui. Voltei a ter o que nunca tive: apenas as duas pernas. Sei que somente com duas pernas é que posso caminhar. Mas a ausência inútil da terceira me faz falta e me assusta [...]. (LISPECTOR, 1964, pp. 9-10).

Iniciamos esta seção com um trecho da obra *A Paixão Segundo G.H.* de Clarice Lispector, autora que muito dialoga com James Joyce no tocante à expressão do íntimo particular de cada indivíduo por meio da materialização dos pensamentos, carregando com eles todas as peculiaridades do plano psíquico. A partir deste excerto, é possível traçarmos um paralelo entre a analogia da terceira perna proposta por Lispector e o conceito de paralisia social empregado por Joyce em *Dublinenses*, uma vez que a narrativa em questão compreende o indivíduo moderno como um ser que perdeu seus pontos de referência e, portanto, se vê incapaz de agir, escolher, decidir – encontra-se inerte e sozinho na nova ordem social tendo perdido seus alicerces tradicionais e conservadores do século XIX. A garantia ofertada ao homem pré-moderno por meio de modelos clássicos de vida, denominada por Anthony Giddens (2002, p. 223) como “segurança ontológica” – “sentido de continuidade e ordem nos eventos, inclusive daqueles que não estão dentro do ambiente perceptual imediato do indivíduo” –, não se faz essencial para que o indivíduo possa viver; no entanto, à semelhança da terceira perna que estrutura um tripé estável, tais modelos de estabilidade criam indivíduos incapazes de contemplar as diferentes perspectivas de vida que acompanham os avanços do Modernismo – embora seja uma posição confortável para o ser que ainda não concluiu sua adaptação à dinamicidade moderna, a estabilidade tradicional paralisa o

⁸ “[...] artistic ambiguity and uncertainty.”

processo evolutivo do homem e surte efeitos adversos nas formas do indivíduo conceber sua(s) própria(s) identidade(s).

Os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livraram, de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. Tanto em extensão, quanto em intensidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. No plano da extensão, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos de intensidade, elas alteraram algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana (GIDDENS, 1990 apud HALL, 2006, p. 16).

Constituindo-se, portanto, como uma circunstância de eclosão de estilos distintos de vida e novas possibilidades de escolha para o ser social, a transição secular representa o processo de “morte” do sujeito pré-moderno e “nascimento” do sujeito moderno; observamos aqui a ascensão de um indivíduo menos seguro emocionalmente e mais relutante a assumir riscos. Stuart Hall (2006, p. 7), teórico que se aprofunda no estudo da trajetória organizacional de identidades do ser humano em relação aos fatores políticos, sociais, científicos e psicológicos oriundos de determinado período, explica que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. Desta forma, a visão do homem como um projeto social estável e moldado à luz das instituições dominantes, passa pelo fenômeno segregacionista dos aspectos que compunham uma identidade única e imutável.

A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2006, p. 7).

A partir disso, reforçamos o que Giddens expõe como oscilações que impactam o cotidiano do indivíduo em seus pontos mais íntimos, como, por exemplo, a incapacidade de escolher entre partir de determinado local e estabelecer-se em outro marcado por maior liberdade, porém menor segurança, culminando em uma estagnação da vida e, conseqüentemente, da pessoa que a lidera; optar por manter-se em um círculo de trabalho familiar devido ao fator estabilidade e, portanto, negar-se às possibilidades de compreender sua própria identidade em um novo meio de atuação que o represente enquanto indivíduo dotado de personalidade e características tanto inerentes ao *eu* quanto construídas socialmente através da interação com o outro; e demais contextos característicos do modelo social moderno. Tratando-se, assim, de um “indivíduo cuja

autoidentidade desenvolve-se nesse cenário mutável” (COELHO e VIANA, 2017, p 85), a indecisão e dificuldade de firmar não apenas suas decisões, mas também sua própria identidade perante o meio social, explica-se pelo fato de que, na modernidade, “à medida que os sistemas [...] se multiplicam somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2006, p. 13). Logo, o surgimento de identidades fragmentadas em pequenos espaços de identificação momentâneas e instáveis, cria uma atmosfera de crise que afeta diversas camadas vitais do indivíduo que passa por qualquer etapa cronológica neste cenário histórico – criança, adolescente, jovem, adulto ou idoso, o indivíduo está sujeito a sempre vivenciar mudanças que o desafiam a descobrir novas facetas de sua identidade e aplicá-las estrategicamente de acordo com cada situação.

Como efeito deste cenário e do processo fragmentário sofrido pelo indivíduo em análise, deparamo-nos com uma série de emoções e sentimentos que são evocados pela psique do homem em constante e ininterrupto projeto (des)constitutivo do *eu*, como argumentam Coelho e Vianna (2017, p. 84) em seu estudo sobre o conto *Eveline* através do olhar de Anthony Giddens a respeito das identidades no Modernismo:

Nesse percurso, sentimentos como “medo”, “ansiedade”, “vulnerabilidade”, “vergonha”, “culpa” afloram e repercutem nas ações e tomadas de decisão, sobretudo porque “a modernidade confronta o indivíduo com uma complexa variedade de escolhas e ao mesmo tempo oferece pouca ajuda sobre as opções que devem ser selecionadas.” (GIDDENS, 2002, p. 79). O desafio de atender a uma multiplicidade de questões todos os dias resulta em conflitos interiores que podem levar, ainda, à “falta de sentido pessoal - a sensação de que a vida não tem nada a oferecer” (id., p.16), e, portanto, à inação.

Compreendemos então que, neste novo itinerário traçado pelo indivíduo moderno em direção à compreensão de sua própria identidade em diferentes circunstâncias de vida, a confiança dissolve-se em ansiedade, a certeza dissolve-se em dúvida, a rigidez dissolve-se em sensibilidade, e o próprio homem de identidade única dissolve-se em infindas identidades fragmentadas. Novas formas de perceber sensorialmente as nuances entre modernismo e pré-modernismo afloram neste período e estabelecem padrões acionais distintos dos que caracterizavam os modos de vida precedentes; os processos transformativos que promoveram avanços científicos e tecnológicos característicos deste momento histórico e que se tornam evidentes por meio das inovações ocorridas em diversas áreas do saber, estendem-se ao homem e à

sua maneira de agir perante o mundo e posicionar-se não apenas em relação a ele, mas também em relação a si. Para além desta quebra de paradigmas construídos socialmente, David Harvey (1989, p. 12) explica as mutações modernas como “um processo sem-fim de rupturas e fragmentações internas no seu próprio interior”, não apenas “um rompimento impiedoso com toda e qualquer condição precedente”, elucidando os movimentos psíquicos internos do indivíduo em dissolução.

Este novo indivíduo que toma forma nos desconhecimentos e nas incompletudes da modernidade, por sua vez, “reflete sobre o mundo em que vive e exerce uma análise racional das consequências de fatos passados, das condições atuais e da probabilidade de perigos futuros, procurando assim minimizar os perigos” (LUVIZOTTO, 2013, p. 246), estabelecendo um cenário de extremo zelo, “uma forma altamente reflexiva de vida” (HALL, 2006, p. 15); portanto, busca colocar-se em condições seguras que não fujam dos trilhos estáveis que mantêm as tradições pré-modernas vinculadas ao período em progresso, refletindo-as na inação do indivíduo analisado criticamente por Joyce e sobre o qual molda sua narrativa: os padecentes do mal denominado paralisia social.

5. PARALISIA SOCIAL E EMOÇÕES EM *DUBLINENSES*

Tendo em vista a perspectiva desenvolvida acerca da concepção do indivíduo moderno, suas características, suas vivências e seus arquétipos comportamentais – para isto transitando pela sucessão de eventos que resultaram no fenômeno de fragmentação das identidades modernas em segmentos mais amplos e abrangentes no que diz respeito à multiplicidade de modos de vida próprios deste sistema social –, caminhamos agora para a observação de tais elementos na obra *Dublinenses*, cujos protagonistas se estabelecem a partir da percepção e análise deste ser falho e desagregado de sua essência ativa que é o homem do século XX.

James Joyce apoia-se em teorias psicanalíticas e sociológicas para analisar criticamente a sociedade que integra e, assim, sustentar uma construção verossímil de suas personagens, capaz de imprimir por meio da escrita as mazelas que assolavam o corpo social e os conflitos internos do indivíduo moderno após o processo de fragmentação de sua identidade em sentidos diversos. Observamos, portanto, que o trabalho de elaboração da narrativa realizado por Joyce parte da tentativa de firmar sua percepção das fraquezas de ação do ser oriundo deste período, uma vez que, segundo palavras do próprio autor, sua intenção era “escrever um capítulo da história moral do

país”, focalizando sua cidade natal Dublin por tê-la como o “centro da paralisia”, devido a seu histórico de violências simbólicas resultantes da colonização e os efeitos surtidos na geração joyceana.

Tentei apresentar isto para o público indiferente sob quatro de suas vertentes: infância, adolescência, vida adulta e vida pública. As histórias estão organizadas nesta ordem. Escrevi a maior parte delas em um estilo de mesquinha escrupulosa e com a convicção de um homem muito corajoso que ousa alterar na apresentação e, além disto, deformar, o que quer que tenha visto ou escutado. (JOYCE, 1906 apud OLIVEIRA, 2017, p. 25).

Ao pautar sua escrita no cotidiano, na experiência observável e na imersão em uma postura analítica, Joyce aplica na construção narrativa moderna traços empíricos de sua leitura sociológica da população irlandesa, aprofundando-os em regiões complexas da psique humana e, posteriormente, transportando-a a seus personagens; para isto, *Dublinenses* compreende não apenas informações que o autor postula como “vistas ou escutadas” por si ou por outrem, mas também o conceito de paralisia social que cerceia toda a obra e se manifesta nas ações de cada um dos protagonistas das histórias. Partimos da descrição de Florence L. Walzl (1961, p. 221) sobre o fenômeno paralítico, explicando-o como uma “doença psicológica como a hemiplegia, uma paralisia parcial e unilateral”; Joyce concebe a inação, a inércia e a perda de sentido da própria identidade – efeitos colaterais desta “enfermidade” – não como meras falhas humanas, mas como uma patologia a qual evidencia e confere voz por meio de uma escrita literária transformadora. Para além desta percepção, o autor culpa não as vítimas pelo desenvolvimento e manutenção deste mal, mas a própria cidade que o repele e as grandes instituições que a operam não a favor do reconhecimento das individualidades e particularidades de seus cidadãos, mas em prol de uma organização social que os reprime e, portanto, preserva valores tradicionais e conservadores.

[...] você verá por si mesmo que os irlandeses são a raça mais espiritual na face da terra. Talvez isso possa reconciliá-lo com *Dublinenses*. Não é minha culpa que o odor de cinzeiros e ervas velhas e vísceras paire em minhas histórias [...]. Eu acredito seriamente que você retardará o curso da civilização na Irlanda, impedindo o povo irlandês de dar uma boa olhada para si mesmos em meu espelho bem polido. (JOYCE, 1906 apud STEWART, 2021).⁹

⁹ “[...] you will see for yourself that the Irish are the most spiritual race on the face of the earth. Perhaps this may reconcile you to *Dubliners*. It is not my fault that the odour of ashpits and old weeds and offal hangs about my stories [...]. I seriously believe that you will retard the course of civilisation in Ireland by preventing the Irish people from having one good look at themselves in my nicely polished looking-glass.”

Em cada uma das histórias que integram a obra em sua totalidade, deparamo-nos com personagens que refletem tal fenômeno de interesse da sociologia, da psicologia e da literatura enquanto áreas do saber que exploram o mundo real e sua interação com os agentes sociais deste espaço. A literatura inglesa moderna em sua essência provoca uma “análise das sutilezas psicológicas e das motivações de seus personagens” (CEVASCO e SIQUEIRA, 1985, p. 69), os quais, por sua vez, refletem nossas próprias vivências enquanto seres modernos, “seres em busca de um mundo que lhes satisfaça as aspirações” (id., p. 69). Tratando-se de uma obra segmentada de acordo com os ciclos vitais – infância, adolescência e maturidade –, destacaremos três protagonistas relativos a cada uma dessas etapas, a fim de aplicarmos a ideia de fragmentação identitária, o conceito de paralisia social enquanto patologia e as emoções evocadas pela associação entre tais condições como elementos constituintes da narrativa joyceana, posto que “[...] *Dublinenses* é uma unidade imagética que exemplifica os efeitos de uma paralisia rastejante em uma diminuição progressiva da vida, em que cada um dos agrupamentos de histórias de Joyce marca um estágio decisivo neste processo de deterioração”¹⁰ (WALZL, 1961, p. 222).

Em *As irmãs*, conto que introduz o livro e representa uma das facetas da infância retratadas por Joyce, observamos uma narrativa construída em primeira pessoa evidenciando o ponto de vista do protagonista cujo nome não é revelado, porém sabemos ser uma criança do sexo masculino que passa por sua primeira experiência com o luto após a morte de seu amigo padre Flynn. No caminhar da história, são evocados os primeiros sentimentos responsáveis por desencadear processos paralíticos na infância: o contraste entre inocência e sensibilidade, pautadas na afeição do menino pelo homem – “Ele e o menino aqui eram grandes amigos. O velho ensinou a ele um bocado de coisas [...]” (JOYCE, 2018, p. 8) –; e o impacto de uma desilusão, que nesta história se manifesta por meio da descoberta de uma nova imagem do padre Flynn proveniente da visão adulta negativa em relação à figura religiosa – “Eu não gostaria que um filho meu tivesse muito a dizer para um homem como aquele” (JOYCE, 2018, p. 8). A este respeito, Walzl (1961, p. 222) argumenta que “[...] na infância, uma época de inocência em que o mundo parece melhor do que é, a destruição do senso de ilusão de uma criança

¹⁰ “[...] *Dubliners* is an imagistic unit exemplifying the effects of a creeping paralysis in a progressive diminution of life [...]”

pode ser um golpe psicologicamente traumático”¹¹, o que se reflete na primeira manifestação de paralisia no garoto e se estende às futuras etapas vitais deste indivíduo devido ao projeto reflexivo derivado de um processo traumático – no caso deste conto, a compreensão de que a figura tida como referência possui verdades ocultas responsáveis por desmistificar a visão idealizada e inocente da criança em relação ao homem religioso.

[...] me senti perturbado ao ver que eu não sabia o que fazer. [...] A minha vontade era entrar e vê-lo, mas não tive coragem de bater. Me afastei devagar pelo lado ensolarado da rua [...]. Achei estranho que nem eu nem o dia parecíamos estar de luto e cheguei a me sentir irritado ao descobrir em mim uma sensação de liberdade, como se eu tivesse me libertado de alguma coisa com a morte dele. (JOYCE, 2018, pp. 9-10).

Já na adolescência, “[...] quando, para o desenvolvimento normal do indivíduo, escolhas adequadas de companheiro e vocação devem ser feitas”¹² (WALZL, 1961, p. 222), sentimentos antagônicos também afloram, como liberdade e aprisionamento, ambição e insegurança, imaturidade e responsabilidades. Destacamos aqui a protagonista Eveline, principal representação imagética e lírica da paralisia na juventude, uma vez que suas palavras – guiadas pela luz da técnica do fluxo de consciência – retratam por si só as emoções oriundas de um processo interno de indecisão, medo, inação, e aprisionamento a um passado traumático que, junto às instâncias situacionais de uma época permeada de possibilidades e incertezas infundas, a mantém em condição paralítica. Sua patologia se revela na impossibilidade de abandonar a vida familiar conservadora comandada por uma figura paterna opressora para viver em nova cidade um amor – com seu noivo Frank – que não compreende se é real e certo, pois “[...] à protagonista ‘falta o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecido em ambientes mais tradicionais’ (GIDDENS, 2002, p. 38)” (COELHO e VIANNA, 2017, p. 93). Carrega consigo a culpa e a responsabilidade perante o círculo familiar construído sobre o trauma da morte da mãe – “Ao longe da avenida ouvia-se o som de um realejo. Ela reconheceu a melodia. Estranho que surgisse justo naquela noite para lembrá-la da promessa feita à mãe, promessa de cuidar da casa enquanto pudesse” (JOYCE, 2018, p. 35). Reconhecemos nesta história a discussão levantada por Giddens no que se refere ao conceito de “sentido pessoal” e “autoidentidade” – “o *eu* entendido

¹¹ “[...] in childhood, a time of innocence when the world seems better than it is, destruction of a child’s sense of illusion can be a psychologically traumatic blow.”

¹² “[...] when, for normal development of the individual, proper choices of mate and vocation must be made [...]”

reflexivamente pelo indivíduo em termos de sua biografia” (GIDDENS, 2002, p. 221) –, posto que, devido à sua relação profunda com os novos valores modernistas emergentes durante seu processo de desenvolvimento pessoal e consolidação de presente e futuro, “essa personagem esvazia-se então de identidade e resta como um ‘animal desamparado’, cuja face não transparece senão a vagueza, a falta de sentido”. (COELHO e VIANNA, 2017, p. 93).

Será que ainda seria possível mudar de ideia depois de tudo o que ele tinha feito? O sofrimento despertou-lhe uma náusea no corpo e ela continuou movendo os lábios em uma ardorosa oração muda. [...] Todos os mares do mundo desaguavam no peito dela. Ele a puxava para o fundo: acabaria por afogá-la. Ela se agarrou com as duas mãos à balaustrada de ferro. [...] Frank tinha ultrapassado a barreira e naquele instante a chamava. [...] Ela voltou o semblante branco em direção a ele, passiva, como um animal indefeso. Nos olhos dela não havia sinal de amor, despedida ou reconhecimento. (JOYCE, 2018, p. 36).

Em *Eveline*, o processo de paralisia, a dissociação do caráter fixo de sua identidade e as incertezas oriundas da transição secular para o período moderno se mostram de maneira mais clara por meio do diálogo interno traçado a partir da vivência da protagonista que dá nome ao conto. Construída em terceira pessoa e explorando o fluxo de consciência como forte elemento textual, a história confere forma física às nebulosidades do modernismo através de uma personagem enclausurada pela própria liberdade, incapaz de acatar as infinitas possibilidades ofertadas pela modernidade e que abalam a segurança ontológica debatida por Giddens (2002); nas palavras de Coelho e Vianna (2017, p. 85), “se *Dubliners* está para as mudanças no cenário da cidade de Dublin, [...] *Eveline* está para o indivíduo cuja autoidentidade desenvolve-se nesse cenário mutável”.

Por fim, exemplificando a hemiplegia compreendida por Joyce durante a maturidade, daremos enfoque ao protagonista Pequeno Chandler do conto *Uma Pequena Nuvem*, que experimenta uma série de reflexões sobre sua própria vida e os processos que o levaram às sensações de infelicidade e incompletude que o regem perante suas conquistas – ou ausência delas – após encontrar-se com um amigo de infância que se mostra realizado em relação à sua autoidentidade. Como explica Walzl (1961, p. 222), “na vida madura, normalmente o período em que a pessoa estabelece sua família e trabalha produtivamente em uma vocação, a incapacidade de agir frustra

fecundamente o indivíduo”¹³, conduzindo-o a um ciclo de “frustração e improdutividade”¹⁴ (id., p. 225) que culmina no que denominamos esterilidade. A paralisia, nesta etapa do ciclo vital, apresenta-se diluída como uma entidade onipresente na existência do indivíduo; diferentemente de sua manifestação através da paralisia de ação em curso – como ocorre no decorrer da juventude, a exemplo do conto *Eveline* –, na maturidade a paralisia se faz presente como uma aura, como uma figura reflexiva que abrange e corrói a mente do indivíduo em toda sua amplitude. Esses paradigmas comportamentais são observáveis em trechos que expõem o pensamento de Pequeno Chandler por meio de uma narrativa interna conduzida por um narrador onisciente que compreende os sentimentos da personagem:

Ele ficou observando a cena e pensando na vida; e então (como sempre acontecia quando pensava na vida) ficou triste. Uma suave melancolia o invadiu. Sentiu que era inútil lutar contra o destino, sendo esse o fardo de sabedoria que a história lhe havia legado. [...] Seguiu adiante com desenvoltura em meio a toda aquela ínfima vida sórdida e à sombra das lúgubres mansões espectrais que tinham abrigado as pândegas da antiga nobreza de Dublin. Nenhuma memória do passado o afligia, pois estava tomado pela alegria do presente. [...] Às vezes, no entanto, cortejava as causas do medo que sentia. Escolhia as ruas mais escuras e mais estreitas e, enquanto seguia corajosamente pelo caminho, o silêncio que se espalhava ao redor das passadas o perturbava [...]. O Pequeno Chandler apertou o passo. Pela primeira vez na vida sentia estar acima das pessoas por quem passava. [...] Não havia dúvida: para obter sucesso era preciso ir embora. (JOYCE, 2018, pp. 63-65).

No fluxo de sua autoanálise, Pequeno Chandler contempla aspectos que poderiam livrá-lo de tal realidade, ao mesmo tempo em que reconhece sua paralisia nos moldes da esterilidade; compreende sua condição de poeta que não foi capaz de seguir seus desejos devido à timidez – “[...] a timidez sempre o impedira; e assim os livros haviam ficado nas prateleiras.” (JOYCE, 2018, p. 64) – e se culpa internamente à medida que percebe a impossibilidade de mudanças, uma vez que “a paralisia da vontade leva logicamente à da ação”¹⁵ (WALZL, 1961, p. 225). Ao compreender sua clausura, aspectos teóricos de Giddens (2002) emergem na construção narrativa pautada em um processo interno de auto compreensão, como a perda de sentido de sua autoidentidade e a busca pela mesma – “Tentou avaliar o peso da própria alma para ver se era a alma de um poeta” (JOYCE, 2018, p. 66) –; o próprio conceito de segurança

¹³ “In mature life, normally the period when a person establishes his family and works productively in a vocation, inability to act fruitfully frustrates the individual.”

¹⁴ “[...] frustration and non-productiveness.”

¹⁵ “Paralysis of will leads logically to that of action [...]”

ontológica – “Não dá para escapar de um certo apego. É a natureza humana...” (JOYCE, 2018, p. 70) –; além das “noções de confiança e risco” que estabelecem o contraste entre possibilidades de ação/mudança e a confiança necessária para realizá-las, as quais, por sua vez, se fazem ausentes em Pequeno Chandler enquanto indivíduo moderno – “A nota dominante era a melancolia, pensou, mas uma melancolia temperada por intercorrências de fé e resignação e simples alegria” (JOYCE, 2018, p. 66).

6. EPIFANIA, CATARSE E REFLEXIVIDADE NA RELAÇÃO OBRA-LEITOR

Concebendo a literatura como manifestação artística atemporal e capaz de promover transformações sociais e pessoais, faz-se essencial estabelecer uma relação entre os efeitos causados por *Dublinenses* no indivíduo moderno oriundo das primeiras décadas do século XX e seus impactos no leitor dos dias atuais, uma vez que “nós somos também ‘pós’ relativamente a qualquer concepção essencialista ou fixa de identidade” (HALL, 2006, p. 10) e, portanto, estamos passíveis a transformações e enriquecimentos através da leitura literária e dos inúmeros processos de identificação que permeiam este exercício mental.

James Joyce alimenta-se de recursos literários e processos de composição típicos de escritores modernistas – destacamos aqui Virginia Woolf na corrente inglesa e Clarice Lispector na corrente brasileira –, como a construção epifânica na narrativa e o efeito de catarse causado tanto em personagens quanto em quem o decifra por meio da leitura, empregando os próprios elementos técnicos da literatura como instrumentos de comunicação e provocação direcionados ao leitor. Pereira (2015, p. 12) explica que “na composição de alguns dos contos, o escritor utiliza epifanias, ou insights reveladores para protagonistas e/ou leitores”, evidenciando a relação de troca e identificação entre personagem fictício e indivíduo real, bem como os frutos advindos deste contato imersivo na literatura.

No entanto, para além da epifania compreendida como processo de iluminação e revelação de verdades ocultas, deve-se explorar aqui o conceito de anti-epifania, descrito por Terry Eagleton (2005, p. 203) como “alguma ambição não alcançada, alguma visão ou desejo frustrado, algum momento-chave que acaba sendo amargamente desencantador”¹⁶, uma vez que a experiência epifânica na literatura joyceana não

¹⁶ “[...] some ambition not achieved, some vision or desire frustrated, some key moment which turns out to be sourly disenchanting.”

necessariamente culmina em uma tomada de atitudes transformadoras; segundo Pereira (2015, p. 13), “implícitas nas epifanias estão as questões da emoção e da visão aristotélica da arte como purgação dos sentimentos, capazes de despertar o observador, ainda que não o incitem diretamente à ação”. Em sua ocorrência padrão, a transcendência provocada pela epifania “[...] se mostra realizável quando o indivíduo se insere, por completo, na obra, para então poder sair, de certa forma, de um estado de inércia para mergulhar em um processo de mutação dinâmica e significativa” (PADUA, 2011, pp. 16-17). Na literatura de Joyce, entretanto, além desta possibilidade, admitimos também desilusão, inação, escuridão, frustração e o “peso de negatividade” (PONTIERI, 1999, p. 66) oriundo da própria palavra como efeitos sensoriais plausíveis e justificáveis, tendo em vista a condição do leitor atual como um indivíduo “pós” como afirma Hall (2006), situado em uma sociedade construída pelos moldes de uma “cultura de risco” da mesma forma que o indivíduo moderno firmou-se na transição secular.

[...] o processo de leitura literária, como proposto por Iser, envolve procedimentos inconscientes [...] que levam em conta o repertório do leitor, suas predisposições à leitura de um determinado texto, seus valores, seus medos, outros textos lidos anteriormente, etc. Todos esses procedimentos são levados em consideração e provocam sensações, desde a negação, [...] a significação, o prazer [...] e até a própria catarse [...]. (SANTOS e ANDRADE, 2019, pp. 248-249).

Assim, incitamos a discussão de como “a leitura literária é motivadora de um processo de autodescoberta que proporciona que diversos conflitos, aguardando por tradução, sejam evidenciados” (SANTOS e ANDRADE, 2019, p. 251), independente do resultado de tal imersão, podendo culminar em revelações que encaminhem à ação e à busca por transformações profundas na compreensão do indivíduo acerca do mundo e de si mesmo, bem como em processos de identificação paralisantes, tal qual o impacto da transição secular no indivíduo moderno, ou a influência da globalização no homem contemporâneo, ou o resultado de pequenos acúmulos individuais na dissociação de nós mesmos perante nossas incontáveis identidades. “As mudanças na vida de um indivíduo proporcionadas pela literatura, assim como o desenvolvimento do autoconhecimento, são conseqüências da experiência estética” (SANTOS e ANDRADE, 2019, p. 251), experiência esta que James Joyce oferece ao seu leitor através da inovação literária – tanto em técnicas e recursos inerentes à literatura, quanto em referências e influências externas no processo de composição –, da recusa em ceder aos paradigmas sociais impostos em sua época, e da constante busca à compreensão de si mesmo não apenas individualmente, mas como ser coletivo capaz de transformar e provocar tais

questionamentos no outro, uma vez que “as experiências retratadas nas histórias são de todos nós, do homem moderno, preso nas armadilhas da solidão e da incerteza” (CEVASCO e SIQUEIRA, 1985, p. 80).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo, compreendemos a contribuição de James Joyce no processo de consolidação da literatura modernista enquanto manifestação artística dotada de forças transformadoras perante o cenário social em que emerge, estabelecendo diálogos tanto com o indivíduo moderno que se faz representado neste espaço literário, quanto com o ser contemporâneo que com ela dialoga através da mediação de contextos sociais semelhantes, emoções e sensações comuns de seres situados em culturas marcadas pelo risco, pela incerteza, pela amplitude de possibilidades e, conseqüentemente, de responsabilidades, pela fluidez das relações consigo e com o outro, e pelo caráter inconstante que caracteriza a modernidade e as demais esferas localizadas em espectros pós-tradicionais.

Concluimos que a análise de textos literários partindo de olhares sociológicos, filosóficos, políticos e psicológicos – fomentando o diálogo interdisciplinar que constitui a arte como elemento modificador da sociedade e dos indivíduos que a compõem – pode nos fornecer condições de observar nossas próprias realidades e a forma como agimos perante elas, de modo a estabelecer identidades múltiplas condizentes com nossos desejos, vontades, percepções e aspirações. Tais processos de compreensão do *eu*, por sua vez, são incitados pela experiência estética proporcionada por James Joyce ao explorar áreas mais profundas e imersivas da literatura mediante técnicas de escrita voltadas à psique humana e à relação da mesma com o ambiente externo social.

Por fim, tomamos conhecimento da extensão da literatura como objeto de estudo atemporal, uma vez que obras escritas em circunstâncias tão distantes relacionam-se em linguagem tão atual com as situações do aqui e agora, evidenciando a importância de analisar atentamente não apenas nosso próprio passado, mas o passado de nossos antepassados e dos antepassados de nossos antepassados, construindo eternas reticências e questionamentos que, embora tenham sua origem na descontinuidade, na fragmentação e no caos, sempre se encontram em um ponto comum: na arte literária enquanto instrumento de transformação pessoal e conscientização social.

Referências

ASMA, Z. *James Joyce's "The Dead": A Manifestation of Paralysis and Epiphanies in the Character of Gabriel Conroy*. 2017. 65 p. Dissertação (Master in Literature and Civilization) – University of Tlemcen, People's Democratic Republic of Algeria, 2017.

CEVASCO, M. E.; SIQUEIRA, V. L. *Rumos da Literatura Inglesa*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1985.

COELHO, D. P.; VIANNA, V. L. L. A estrutura da hesitação: análise do conto “Eveline”, de James Joyce, segundo conceitos de Anthony Giddens. *Literatura e Autoritarismo: Censura e Violência*, Santa Maria, v. 1, n. 29, pp. 81-96, jan.-jun. 2017.

EAGLETON, T. *The English Novel: an introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GILLESPIE, M. P. Nostalgia and Rancor in *Dubliners*. *New Hibernia Review*, Minnesota, v. 15, n. 2, pp. 17-32, 2011.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S.; GIEBEN, B. *Formations of Modernity*. 1ª ed. Londres: Polity Press in association with Blackwell Publishers Ltd and The Open University, 1992.

HARVEY, D. *The Condition of Post-Modernity: An Enquiry in the Origins of Cultural Change*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

JOYCE, J. *Dublinenses*. Tradução: Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2018.

LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.* 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LUVIZOTTO, C. K. A Racionalização das Tradições na Modernidade: o diálogo entre Anthony Giddens e Jürgen Habermas. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 36, pp. 245-258, 2013.

OLIVEIRA, A. B. *Illocutionary Power in Two Translations of 'Dubliners': A Comparative Analysis*. 2017. 52 p. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras Português e Inglês – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

PADUA, E. C. *A construção de sentidos no eixo autor-obra-leitor no processo criativo de Clarice Lispector*. 2011. 134 p. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literaturas) – Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2011.

PEREIRA, S. S. *Identidades fragmentadas – representações de violência e desejo em Dublinenses*. 2015. 91 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

PONTIERI, R. L. *Clarice Lispector: uma poética do olhar*. 1ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial. 1999.

SANTOS, L. B.; ANDRADE, F. C. B. Antropologia Literária e Teoria da Sedução Generalizada: emancipação pela leitura. *Palimpsesto*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 30, pp. 236-253, set. 2019.

SHAPIRO, S. G. Teaching Modernism and Postmodernism in a Values Elective. *The English Journal*, Nova York, v. 81, n. 1, pp. 60-63, jan. 1992.

STEWART, B. James Joyce: Quotations (5) – Extracts from the Letters. *Ricorso*. Disponível em: http://www.ricorso.net/rx/az-data/authors/j/Joyce_JA/quotes/quotes5.htm. Acesso em: 09 de jun. de 2021.

VIZIOLI, P. *James Joyce e sua obra literária*. São Paulo: EPU, 1991.

WALZL, F. L. Pattern of Paralysis in Joyce's *Dubliners*: A Study of the Original Framework. *College English*, Urbana, v. 22, n. 4, pp. 221-228, jan. 1961.

WOOLF, V. *Mulheres e ficção*. Tradução: Leonardo Froés. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

YU, C. Narrative Innovation in *Dubliners* and James Joyce's Exilic Experience. *Theory and Practice in Language Studies*, Shanghai, v. 9, n. 10, pp. 1287-1292, out. 2019.